



## **Arte urbana e os processos educomunicacionais: o que se pesquisa no brasil?**

*Urban art and educommunicational processes: what is research in brazil?*

Rafaella Luiza Antunes da Silva <sup>i</sup>  
Universidade Federal de Roraima

Leila Adriana Baptaglin <sup>ii</sup>  
Universidade Federal de Roraima

### **Resumo**

Este artigo objetivou realizar um levantamento do estado do conhecimento sobre Arte Urbana e suas diferentes formas de expressão na interlocução com os processos educomunicacionais, vivenciados no ambiente escolar. Investigou-se o repositório de dissertações e teses da CAPES nos períodos de 2010 a 2019. A partir disso, encontrou-se 72 trabalhos que têm relação com a pesquisa, organizados nestas categorias: 1. Arte Urbana e a interlocução com a produção artística; 1.1. Psicologia/sociologia; 2. Arte Urbana e a interlocução com a construção/ocupação espacial; 2.1 Interlocução/discussões sobre/na América Latina; 2.2 Luta e relações políticas; 3. Arte Urbana e interlocução com a educação; e 4. Arte Urbana e a interlocução com o feminino. Na construção do artigo, identificou-se a escassa produção referente ao tema na região norte (três pesquisas em Belém-PA) e, ainda, a falta de aprofundamento investigativo referente aos processos educomunicacionais e a interlocução com o ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Arte Urbana, educomunicação, ambiente escolar, estado do conhecimento.

### **Abstract**

This article aimed to perform a state of knowledge about Urban Art and its different forms of expressions in the interlocution with the educommunicational processes experienced in the school environment. Investigations were carried out in the CAPES dissertation and thesis repository from 2010 to 2019. With this survey, 72 works were found that are related to research and are organized in the categories: 1. Urban Art and the interlocution with artistic production; 1.1. Psychology/Sociology; 2. Urban Art and the interlocution with the construction/spatial occupation; 2.1 Interlocution/discussions on/in Latin America; 2.2 Struggle and political relations; 3. Urban Art and dialogue with education; and 4. Urban Art and the dialogue with the feminine. In the construction of the article, we identified the scarce production related to the theme in the northern region (only 3 researches, more specifically in Belém-PA) and, still, the lack of investigative depth regarding the educommunication processes and the dialogue with the school environment.

**Keywords:** Urban Art; Educommunication; School environment; State of knowledge.

Enviado em: 13/04/20 - Aprovado em: 22/06/20

## **Introdução**

Este artigo consiste no estudo das investigações referentes à Arte Urbana, considerando as diversas formas de expressão desse gênero artístico, bem como verificar a existência de projetos artísticos urbanos no contexto escolar. Ao tratarmos do conceito de Arte Urbana, temos que levar em consideração sua característica de arte móvel, podendo ser modificada a qualquer momento tanto pela sociedade quanto pela natureza. Dessa forma, o seu objetivo é gerar um processo comunicacional e educativo de proximidade com a arte para a sociedade periférica. Ao inserir a Arte Urbana no contexto escolar, percebemos que ela não perde o seu significado, pois o ambiente escolar, sendo um espaço público, permite-nos comunicar e ensinar todas as possibilidades de arte para as crianças, podendo colaborar tanto no seu desenvolvimento cognitivo, quanto no seu crescimento pessoal.

A articulação da Arte Urbana com o ambiente escolar proporciona um olhar para os processos comunicacionais estabelecidos em um lugar comum, a Escola. Assim, o conceito de educomunicação passa a ser trabalhado no sentido de entender os processos que são estabelecidos na comunicação dos sujeitos para com a aprendizagem do trabalho desenvolvido na Arte Urbana.

Portanto, neste artigo, objetivamos realizar o estado do conhecimento sobre Arte Urbana e suas diferentes formas de expressões nas dissertações e teses disponíveis no repositório da CAPES entre os períodos de 2010 a 2019. O impulso para a investigação ocorreu pela evidência de escassez de produções referente ao tema da Arte Urbana no ambiente escolar na região norte, mais especificamente no estado de Roraima.

O estado do conhecimento, em linhas gerais, significa realizar o levantamento de dados em catálogos específicos contendo produções acadêmico-científicas. Esses catálogos surgem da necessidade das universidades em informar a comunidade científica e a sociedade em geral a respeito de suas produções. Além de fortalecer a comunidade acadêmica e científica com um acervo contendo diversos temas e proporcionando aos programas de pós-graduação e entidades educacionais, a realização de novos trabalhos, visando à possibilidade de divulgação de suas pesquisas.

De acordo com Chauí (1999, p. 6),

A avaliação de toda e qualquer universidade passa a ser medida pela sua produtividade, orientada por três critérios: quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que produz. Opera-se, assim, uma inversão tipicamente ideológica da qualidade em quantidade, quando deixa de se indagar o que se produz, como se produz, para quem ou para que se produz.

Ou seja, com este propósito, os catálogos aparecem como medidor das produções e servem para acompanhar o avanço das pesquisas sobre dado tema, além de verificar onde e quando estão sendo produzidas. Com base em Romanowski e Ens (2006, p. 39),

A literatura especializada tem evidenciado de maneira imperativa a necessidade de acompanhar o desenvolvimento, as transformações e inovações que buscam tornar os campos da educação e seus profissionais cada vez mais competentes para atender, com propriedade, aos anseios daqueles que vêm conquistando o direito à educação.

Para isso, foram realizadas pesquisas no repositório de dissertações e teses da CAPES, contendo as seguintes palavras-chave: Arte Urbana, Grafite, Grafitti e Muralismo. Com base nesse levantamento, foram identificados 72 trabalhos, sendo 59 dissertações e 13 teses, que têm relação com a temática aqui apresentada.

Diante dos trabalhos encontrados foi realizado um processo de categorização das dissertações e teses. A categorização destes estudos foi organizada a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009) que enquanto método apresenta-se composta de uma série de técnicas e de análise das comunicações, as quais passam a utilizar procedimentos de sistematização do conteúdo das mensagens. Dessa forma, foram organizadas categorias que nos auxiliaram no processo de desenvolvimento dos objetivos propostos neste texto. Essas categorias nos auxiliaram a pensar na diversidade investigativa sobre o tema e interlocução com os processos educacionais no ambiente escolar.

## **A arte urbana e os processos educacionais estabelecidos no ambiente escolar**

A Arte Urbana é um movimento que surgiu através da minoria e começou com o movimento do Hip Hop, tendo o intuito de manifestar a ausência de espaços que possibilitem o contato da população com a arte. Dessa forma, a Arte Urbana nasce da necessidade de expressão e conhecimento sobre a arte.

Enquanto nos museus os objetos históricos são subtraídos à história e seu sentido intrínseco é congelado em uma eternidade em que nunca mais acontecerá nada, os monumentos abertos à dinâmica urbana facilitam que a memória interaja com a mudança, que os heróis nacionais se revitalizem (CANCLINI, 1997, p. 301).

Nesse sentido, surge também o Grafite, que entrelaçado ao Hip Hop, teve início por volta dos anos sessenta e setenta nos subúrbios de Nova York como um novo conceito de expressão e aceitação, desenvolvido pela cultura negra daquela época. Segundo Amaral (2015, p. 16), "o Graffiti é um texto verbal e não-verbal utilizado de forma intencional para

interferir na paisagem urbana. Os grafiteiros se utilizam dos muros para expressar uma opinião referente a um assunto atual que os toca naquele momento”.

Lazzarin (2007), ao tratar do Muralismo, destaca a priorização do contexto histórico. Para isso, temos que destacar as pinturas rupestres e as gravuras, as desaprovações políticas pintadas (pichadas) nos muros gregos a. C., na Idade Média em que se pintavam murais e começavam as modificações da arte até a atual contemporaneidade, desde a Capela Sistina com murais de Michelangelo até trabalhos que agora se encontram em paredes escolares, ou os famosos painéis no México do século XX, de Diego Rivera. Exemplos que, no decorrer dos séculos, modificaram suas poéticas e seus materiais, perpassando experimentos de distintos pigmentos: da técnica do afresco, da tinta a óleo para a acrílica até chegar às ruas, com o spray. Trabalhos como esses se apresentam como fundadores da Arte Urbana, onde se encontravam escritas antigas e ruínas, agora se encontra em muros nas cidades e espaços educacionais.

No Brasil, o Grafite tem seus primeiros registros na década de 60, durante o período do Golpe Militar, ainda pouco elaborado e inicialmente considerado um ato de pichação.

O primeiro registro de pichação como arte no Brasil foi o emblemático “Abaixo a Ditadura”. Era o começo da street art brasileira. A pichação política nasceu no meio universitário, na década de 1960, com influência do movimento estudantil de maio de 68 francês (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.).

Em meados dos anos 80, o Hip Hop se insere no Brasil contagiando os jovens de periferias, que enfrentavam e ainda enfrentam questões de desigualdades sociais, racismo e criminalidade. Nesse sentido, através da música, do grafite, do muralismo e de oportunidades artísticas por meio de ONGs, os jovens encontram maneiras de expressar críticas e apelos para que possam ser notados pela sociedade.

Os artistas urbanos utilizam as ruas para se comunicar com a sociedade, enviando mensagens contendo críticas à política, economia, educação, religião, entre outros, utilizando diversas formas que possibilitem o registro dessas memórias, estabelecendo um vínculo social, crítico, artístico e afetivo.

Segundo Fúncia (2015), temos que ter claro as características básicas da Arte Urbana que se centram em seu caráter público (de aproximação com a população), de efemeridade (devido aos materiais, à exposição aos efeitos da natureza) e de ilegalidade (no sentido de não pertencer ao circuito habitual da arte de galerias e museus), por isso está à mercê de censuras às mensagens que apresenta.

Ainda, ao adentrarmos nas problematizações contemporâneas da Arte Urbana, torna-se eminente conhecermos os Movimentos que deram origem à estrutura que temos

hoje e às ideias apregoadas por eles. Em seguida, iremos falar mais especificamente sobre o Muralismo e o Grafite (enquanto elemento do Hip Hop).

O Muralismo como uma corrente artística da América Latina, consolidada com o Muralismo Mexicano se apresenta como uma manifestação artística intencional e plena de significado ideológico com o objetivo de atingir os mais diversificados ambientes sociais (VASCONCELLOS, 2004). Esse objetivo se intensifica “Después de la Revolución de 1910, se impone en México la necesidad modernizar el país y de construir una identidad cultural nacional” (MANDEL, 2007, p. 38).

Nesta investigação, compreendemos que “[...] a arte muralista, quando intencionada à crítica social possui notadamente uma forte função social, sendo um canal de comunicação direto e eficiente entre o artista, a arte e o meio” (SOUZA, 2012, p. 16). Possibilita assim uma interlocução que atinge públicos variados e instiga o olhar crítico para os acontecimentos locais, tomando uma construção de Movimento Social. Nesse viés, o Movimento Artístico Urbano

Debido a que los movimientos rara vez tienen incentivos selectivos o estreñimientos sobre sus seguidores, en la acción colectiva el liderazgo tiene una función creativa de la que carecen los grupos más institucionalizados. Los líderes inventan, adaptan y combinan distintas formas de acción colectiva para estimular el apoyo de gente que, en caso contrario, podría quedarse en casa (TORROW, 1997, p. 52).

O caráter coletivo, ou seja, de trabalho enquanto Movimento Artístico é um forte sinalizador dos ideais dos Muralistas.

Embora com um trabalho intenso e de reconhecimento internacional, a Arte Urbana toma força com o Hip Hop, uma manifestação cultural urbana surgida no final dos anos 1970 nos bairros pobres de Nova York (EUA). O Hip Hop é contemplado por quatro grandes elementos: a dança (b-boy e b-girl), a pintura/arte (grafite), a música (DJ) e as composições/poesia (MC) e ainda, o Punk, o Rap, o Skate, as projeções de vídeo dentre outras expressões que consolidam o cenário da Arte de rua (XAVIER, 2012) e que, no caso de alguns países da América Latina, intensificaram-se com a vinculação ao Muralismo.

Suas raízes se encontram na efervescência política e cultural da década de 60 nos Estados Unidos. As dificuldades econômicas e sociais de boa parte da população estão na origem do que viria a ser denominado como Hip Hop nos anos 1970 (XAVIER, 2012). Esse momento certamente marcou a história da Arte Urbana no século XX e se alastrou para o século XXI, impulsionando a criação e a expansão dos coletivos, *crews* e artistas individuais que trabalham com Arte Urbana.

O Grafite surge como uma proposta de Arte Urbana que ocupa outro território e outro lugar. O termo *Graffiti* em sua origem no italiano *graffiti* (plural de *graffito*) e, em termos históricos, surge com o Movimento Hip Hop. Passa a ser considerado não “simplesmente un escrito en una pared. Este requiere una técnica, un conocimiento previo sobre materiales, un análisis sobre el muro donde se pintará, un boceto en un cuaderno, una evolución y constancia a lo largo del desarrollo de la acción” (RAMOS, 2014, p. 13).

Mesmo em uma construção territorial e temporal distinta do muralismo, o grafite apresenta, em um modo mais subjetivo, uma preocupação estética, filosófica, ideológica. Ramos (2014, p. 04) nos coloca que

Los graffitis son un medio de expresión que conllevan dentro de sí una filosofía, una ideología, una identidad que caracteriza a la persona. Es una vieja forma de decir ‘yo estuve aquí’ dejando con un trazo, una firma, un garabato, la propia personalidad. Al graffiti se le atribuyen muchos estereotipos como adolescente rebelde, vandalismo, criminalidad, relación con drogas o cierta similitud con géneros musicales. Sin embargo, la dificultad que presenta entender y definir qué se entiende por este término resulta ser de grandes complejidades.

A partir da emergência de Movimentos artísticos em vários países, impulsionados pelos Movimentos da Arte Urbana, vemos fortalecer a busca pelos direitos humanos dos indígenas, feministas, movimentos culturais que, a partir da Arte Urbana, começam a comunicar seus ideais. Esses movimentos surgem em uma perspectiva de emancipação eurocêntrica, uma vez que, embora saibamos, “El hecho de que el fin del colonialismo político no significó el fin del colonialismo en las mentalidades y subjetividades, en la cultura y en la epistemología y que por el contrario continuó reproduciéndose de modo endógeno” (SOUSA SANTOS, 2010, p. 8).

Sousa Santos (2010) nos fala sobre o processo de descolonização, afirmando que é difícil “imaginar el fin del colonialismo como es difícil imaginar que el colonialismo no tenga fin” (SOUSA SANTOS, 2010, p. 14). O que percebemos é que o colonialismo e o patrimonialismo não somente se mantiveram, mas se agravaram em alguns casos. A Arte Urbana, em sua intensificação na metade do século XX, surge como uma força de luta e liberdade educativa e comunicacional, fortalecendo-se muito além da luta pela valorização cultura e territorial, pois “construyen sus luchas basándose en conocimientos ancestrales, populares, espirituales que siempre fueron ajenos al cientismo propio de la crítica eurocéntrica” (SOUSA SANTOS, 2010, p. 19).

A Arte Urbana apresenta um grande valor social e cultural ao ponto em que comunica, educa, divulga expressões, pessoas e situações invisibilizadas. Assim, além de seu valor estético e técnico, tem um forte potencial educacional e comunicacional de crítica

e reflexão acerca de questões sociais. Potencial que é essencial aos Movimentos Sociais e, nesse caso, aos Movimentos artísticos, pois “su dinâmica trae una agenda de conflictos que se reiteran en sus temáticas de lucha contra las desigualdades y por más democracia, pero que amplían sus temáticas y ganan nuevas formas de expresión en la actualidad” (ALOP, 2006-2007, p. 21).

Assim, a aproximação dos meios educacionais e comunicacionais se apresenta como uma das estratégias de comunicação dos Movimentos artísticos no sentido de disseminar suas proposições artísticas. No entanto, temos consciência de que a obra de Arte Urbana vista *in loco* pode proporcionar interpretações distintas das que são expostas pelos meios de comunicação. Contudo, nem sempre o acesso à produção artística garante uma compreensão da produção. É nesse sentido que o trabalho com estratégias educacionais se torna eminentemente necessário e são esses momentos de atividades realizadas em espaços formais e informais da educação e da sociedade que delineiam as formas de comunicação da produção artística.

A Arte Urbana, nesse viés, beneficia-se do acesso público, mas ainda carece de uma melhor compreensão da recepção feita pelos distintos apreciadores. Todos esses elementos necessários à compreensão da Arte Urbana contemporânea perpassa um processo educacional e de recepção calcado em críticas e percepções culturais que só são aprofundadas em um processo educacional onde

[...] mais do que um objeto a ser investigado, é um campo de relação de e entre saberes. É um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e construções de saberes. É também um espaço de ações e experiências que levam a saberes ou partem deles em direção a outros. Uma das tantas singularidades da Educomunicação é que ela constitui-se justamente das relações múltiplas que propicia (SOARES, 2006, p. 04).

Essa vinculação da comunicação com os lugares educacionais ou ainda, com propostas educacionais, sejam elas formais ou informais, proporcionam, além da inserção na Escola, a possibilidade de ampliação das perspectivas comunicacionais e artísticas para um público em formação e que, em vias de aprendizagem, apresenta-se como potenciais consumidores do trabalho artístico.

Assim, a compreensão da Arte desde a infância proporciona o entendimento de que, no cenário atual, a Arte Urbana aparece “[...] não somente como uma arte, no caso de maneira conceitual, mas também como uma nova maneira de se expressar e comunicar” (BOCCILE, 2015, p. 01). A Arte Urbana, a partir da modificação/reorganização do espaço urbano, propõe uma estruturação crítica do pensar do espectador, sendo ela utilizada com base em diferentes técnicas e linguagens.

Assim, tais práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano, assim como podem também rever seus próprios papéis diante de tais transformações: quais espaços e representações modelam ou ajudam a modelar, quais balizas utilizam em suas atuações nesse processo de construção social (PALLAMIN, 2000, p. 19).

A Arte Urbana passa a integrar o espaço urbano, envolvendo a subjetividade do espectador e intervindo em seu lugar-comum de forma artística. Dessa forma, a Arte Urbana, em um campo de produção artística contemporânea, proporciona a reflexão sobre o que Cauquelin (2005) nos mostra quando se refere ao processo comunicacional. Passamos a vivenciar uma inevitável mistura de papéis: produtor/artista, distribuidor/comunicador e consumidor/espectador. Esses sujeitos, antes com características e funções delimitadas, não mais possuem atividades específicas e esse é um dos grandes desafios a serem consolidados para uma melhor compreensão da produção da Arte Pública nos Coletivos investigados.

Assim, a conotação educacional presente na Arte Urbana se torna um elemento teórico central nas discussões propostas neste artigo, tendo em vista o objetivo sinalizado de realizar o estado do conhecimento da produção artística da Arte Urbana nas dissertações e teses disponíveis no repositório da CAPES.

### **Análise dos dados**

A partir dos trabalhos encontrados no repositório de dissertações e teses da CAPES com base nas palavras-chave: Arte Urbana, Grafite e Muralismo, evidenciamos que as investigações foram desenvolvidas em diferentes estados brasileiros tais como: Brasília - 3; Bahia - 1; Ceará - 2; Espírito Santo - 6; Goiás - 2; Minas Gerais - 8; Pernambuco - 4; Paraná - 2; Pará - 3; Rio Grande do Sul - 5; Rio de Janeiro - 11; São Paulo - 20; Santa Catarina - 5.

Ainda, com base na investigação, organizamos a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009) quatro categorias de análise. Essas categorias foram estruturadas com a realização da *Pré-análise*, na qual, após a seleção das dissertações e teses, realizamos a primeira leitura dos títulos e resumos. Na segunda etapa, partimos para a *Exploração do material*, na qual realizamos a leitura dos textos selecionados e trabalhamos para agrupar elementos comuns e, por último, o *Tratamento dos resultados obtidos e interpretação*, no qual, após a categorização, passamos a problematizar as propostas apresentadas nas dissertações e teses. A partir dessas etapas, organizamos categorias que foram desenvolvidas conforme os objetivos da investigação.



	<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>
1.	Arte Urbana e a interlocução com a produção artística (40)	Psicologia/sociologia (8)
2.	Arte Urbana e a interlocução com a construção/ocupação espacial (8)	Interlocução/discussões sobre/na América Latina (3) Luta e relações políticas (3)
3.	Arte Urbana e interlocução com a educação (8)	
4.	Arte Urbana e a interlocução com o feminino (2)	

**Tabela 1:** Categorias de análise

Fonte: autores (2019)

Na categoria **Arte urbana e a interlocução com a produção artística**, encontramos 40 trabalhos. Nos estudos vinculados a essa categoria, percebemos que eles discutem os processos de execução de trabalhos artísticos urbanos em diferentes espaços.

Segundo Duarte (2009, p. 7),

[...] o urbano são espaços nos quais se vive em constante renovação, transformação, modificando a organização e as dinâmicas do cotidiano pelo aparecimento de novas direções, sentidos, trajetórias de cidade que mudam e apresentam novos 'rastros-sentidos'; a cidade explode e se faz dia-a-dia pela significação de cada ator social.

Duarte (2009) sistematiza o que muitos dos trabalhos pesquisados retratam: as mudanças/transformações do espaço urbano a partir das produções artísticas Urbanas. Isso pode ser evidenciado em pesquisas que estudaram artistas em particular, como os 'Grafiteiros do Cosp Tinta Crew', os 'Irmãos Pandolfo', os trabalhos de 'Nina Pandolfo Tubarão' e de 'Drika Chagas'. Além desse olhar, percebemos investigações que trazem os impasses entre Grafite e Pixação e as transgressões do Grafite no contexto contemporâneo como os trabalhos de Chagas (2015), Oliveira A. (2017), Loch (2014), Mendes (2018). Nesses estudos, notamos um olhar para as transformações que a Arte Urbana tem passado na sociedade contemporânea, as quais, conforme Duarte (2009, p. 07) "configuram-se por uma dinâmica recursiva, caracterizada pelas ações sociais dos sujeitos que lhe dão sentido". Devido a isso os estudos etnográficos, de inserção do pesquisador no contexto investigado, tornam-se cada vez mais recorrentes no sentido de entender essa vinculação do sujeito artista urbano com o local de produção de sua Arte Urbana. Isso fica evidente nos estudos de Leal (2018) e Cruz (2017).

Além dos trabalhos citados, percebemos que há um panorama bastante interessante no que tange à proposta da estética do Grafite e da ocupação do espaço urbano pelas intervenções artísticas. A estética conceitual do Grafite, segundo Gitahy (1999, p. 18), vincula-se a um pressuposto de subjetividade, espontaneidade "[...] discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com muito humor e ironia; apropria-se

do espaço urbano a fim de discutir, recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole”. Vincula assim a uma proposta de reflexão crítica do contexto social.

Nessa mesma interlocução, percebemos a subcategoria **Psicologia/Sociologia**. Encontramos oito trabalhos, nos quais podemos evidenciar que as produções se vinculam ao processo de legitimação da Arte Urbana como Arte. As investigações destacam os desafios do artista para a consolidação de seu trabalho artístico e os processos de (R)Existência da linguagem no contexto urbano contemporâneo.

A vinculação do Grafite como Caligrafia Urbana também é um fator presente nos trabalhos de Araújo (2017) e Rodrigues (2015), nos quais há uma interlocução do trabalho artístico como uma ferramenta de luta social. Segundo Canclini (1997, p. 337), ao retratarmos o grafite de Nova York, podemos fazer referência ao Grafite brasileiro. Além disso, comenta sobre o contexto de produção do grafite:

[...] escrito em bairros marginais e no metrô, expressou referências do gueto com propósito de micropolíticas, incompreensível às vezes para os que não manejavam esse código hermético, foi o que mais tipicamente quis delimitar espaços em uma cidade em desintegração e recuperar territórios.

Canclini (1997) nos coloca o grafite como um elemento de construção de territorialidades, de delimitação de espaços sociais e psicológicos dos sujeitos que nele se integram, incorporando um caráter de escrita coletiva, ou de representação coletiva do social. Essa proposição desencadeia estudos vinculados ao Patrimônio Cultural e a institucionalização do Grafite no espaço museológico, como é visto no trabalho de Lima (2018) e Rodrigues (2015), nos quais percebemos o Grafite como um elemento de constituição histórico e social.

Nessa proposta da interlocução do urbano com a produção artística, vemos que, mesmo de forma indireta, elementos educacionais se fazem presentes no processo de construção poética do artista. Há, nos trabalhos analisados, a sinalização dessa interlocução uma vez que, segundo Freire (1973, p. 43) “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam”. E esse diálogo é aqui expresso na produção dos Artistas Urbanos investigados.

Na categoria **Arte urbana e a interlocução com a construção/ocupação espacial**, identificamos oito trabalhos em que há um olhar atento dos estudos para os espaços onde as ações de Arte Urbana são desenvolvidas. Pires (2007), a respeito dessa nova configuração do espaço urbano, comenta que

A emergência de novos atores no cenário social, o avanço de grandes contingentes humanos e o inchaço das cidades, como o espaço dessa nova constituição do real, ampliam a necessidade da criação de experiências de transformação dos espaços públicos em toda sua extensão. De certa maneira, é esse próprio contexto que viabiliza e inflama a necessidade do espaço público como locus existenciais desses novos agentes (PIRES, 2007, p. 242).

Nesse sentido, o espaço urbano aparece como uma espécie de produto resultante das ações sociais vinculadas com a Arte Urbana, ou seja, a paisagem padronizada com muros de tons cinza ganham formas e cores feitas pela e para a sociedade. Entre as modalidades de expressar-se através da Arte Urbana, destacam-se o Grafite como visto no trabalho de Monteiro (2015), Neves (2016), Rangel (2018) e Rodrigues (2016), que caracterizam o Grafite como uma forma de resistência e manifestação artística da sociedade, objetivando a construção e reformulação da paisagem urbana.

Em relação à utilização do espaço público, Borja e Muxí (2003, p. 107) destacam que:

O espaço público deve garantir a expressão dos coletivos sociais, a organização e a ação de setores que se mobilizam e transformam os usos dos espaços públicos, expressando a força do coletivo. [...] Como lugar de política deve ser um local de autorrepresentação da sociedade, de expressão das demandas coletivas, das mobilizações sociais, das trocas de relações de poder e das inovações culturais e políticas.

Ou seja, o Grafite se insere no território público, como um processo educacional, com propostas de quebrar paradigmas relacionados à privatização dos espaços que deveriam ser públicos. Assim, a produção artística não se baseia em apenas enfeitar e colorir os espaços públicos, mas na apropriação desses espaços por parte dos cidadãos. E isso ocorre a partir da educação e das formas de comunicação que são adotadas pelos artistas urbanos.

Além do Grafite, percebe-se no trabalho de Freitas (2014) outros tipos de intervenções urbanas relacionadas a esculturas instaladas em espaços públicos, porém nem todas fixas como evidenciadas na pesquisa de Oliveira J. (2017). Oliveira J. realizou um estudo sobre o artista José Resende, escultor brasileiro que desenvolve projetos de intervenções urbanas como exemplo da intervenção *Cidade sem janelas* (1994), que consistiu na ação de empilhar e desempilhar continuamente blocos semirregulares de granito, por meio de um guindaste.

Na subcategoria **Interlocução/discussões sobre/na América Latina**, encontramos três estudos através dos quais evidenciamos uma preocupação significativa com os trabalhos desenvolvidos no contexto da América latina. Na investigação de Jacob (2014) e Santiago (2018) fica evidente a exclusão social, econômica e cultural dos povos

indígenas em relação a sociedade mexicana, que após o Estado pós-revolucionário estabeleceram um novo conceito de pintura mural com o intuito de modernizar os espaços urbanos atuais.

Tendo em vista à compreensão dessa jornada de inserção dos povos indígenas no âmbito artístico, econômico e social, foram analisadas as obras de Diego Rivera, com base nos seus escritos e pinturas murais dos anos de 1920 aos anos de 1940, período no qual o pintor se apropriou dos discursos indigenistas e criou suas representações sobre os indígenas e sua vinculação com a nação.

Além disso, foi realizado um estudo a respeito do movimento muralista mexicano, segundo a perspectiva decolonial com base nas obras de Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros, no qual Santiago (2018) fez comparações entre os murais História de Morelos, Conquista y Revolución (1930); La Conquista Española de México (1939) e Cuauhtémoc Contra el Mito (1944).

No que tange à subcategoria **Luta e relações políticas**, também encontramos três estudos, nos quais os trabalhos apresentados destacam os processos de resistência presentes no âmbito da Arte Urbana do grafite, sendo caracterizada como uma linguagem crítica sobre a situação política e social referente aos artistas urbanos.

Rezende (2006, p. 07) aponta que:

A prática do grafite questiona o processo de encolhimento do espaço público e conseqüentemente recuo da cidadania. Luta pelo direito à cidade, uma cidade mais democrática, com a vivência de múltiplos atores. A maioria dos seus praticantes sentem-se excluídos da cidade. Pintando os muros, eles se sentem pertencentes a ela. Eles vivenciam a cidade, se expressam nela e através dela.

Levando em consideração a imagem de preconceito generalizada que os artistas urbanos vêm sofrendo desde o início da prática do grafite, como percebido no trabalho de Rink (2017), no qual se nota a luta diária desses artistas, que desejam ampliar a consciência social e pessoal, visando ao reconhecimento da Arte Urbana.

Essa luta repercute na relação de colonizador/colonizado (SOUSA SANTOS, 2010) ou de opressor/oprimido (FREIRE, 2016). Segundo Freire (2016, p. 68), a mediação entre opressor e oprimido é realizada pelo elemento da prescrição. Esta, "[...] é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência 'hospedeira' da consciência opressora". E é a luta pela mudança neste tipo de relação que é buscada pelos artistas urbanos, uma luta pela valorização e pelo respeito ao sujeito artista/humano.

Na categoria **Arte Urbana e interlocução com a educação**, temos oito pesquisas, nas quais nos voltamos ao que diz respeito ao tema central deste projeto, ou seja, o levantamento das produções artísticas urbanas relacionadas ao ambiente escolar. Nesse sentido, ressaltamos os trabalhos de Amaral (2015), Macêdo (2015), Henckemaier (2016), Baasch (2014), Silva (2015) e Machado (2018), que, em suas pesquisas, buscam vincular os processos de Arte Urbana na prática do ensino escolar, observando como tem sido a relação do contexto de Arte Urbana sobre as instituições culturais e educacionais. Nessas pesquisas, destacam-se a relevância da Arte Urbana em aspectos históricos, expressivos e conceituais.

Machado (2018) apresenta, em seu trabalho, a proposta do grafite como possibilidade didática nas aulas de Língua Portuguesa, utilizando o grafite como incentivo ao interesse para a leitura de outros textos. Diante disso, Coutinho (2011, p. 156) afirma que:

Os cursos de formação de professores de Arte devem encarar o desafio de propiciar a seus alunos uma imersão na linguagem artística e ao mesmo tempo, uma reflexão crítica e contextual das questões relativas aos conhecimentos implicados no processo. Não é uma tarefa fácil. O conhecimento artístico e estético historicamente acumulado tangencia várias outras áreas do conhecimento.

No que diz respeito à inserção do grafite no contexto escolar, destaca-se a relevância ao instigar e incentivar a criatividade, a cultura, a apropriação dos espaços e a cidadania dos estudantes, através dos muros das escolas, obtendo livre-expressão para expor seus sentimentos e despertar interesses sobre a Arte Urbana. Essa integração permite aos alunos e professores uma ampliação didática diferente do padrão, proporcionando maior interatividade e o melhor relacionamento entre aluno, professor, sociedade e arte. Embora não utilizando o conceito de educação, os trabalhos apresentados estruturam uma organização que desenvolve processos educacionais no ambiente escolar instigando o ensino-aprendizagem a partir de ações artísticas e comunicacionais.

Schultz (2010) ressalta que a pichação e o grafite ocupam espaços visíveis e invisíveis no contexto urbano, integrando conceitos da filosofia, da comunicação, da arte e da educação junto às diversas formas de expressão realizadas. Além disso, por meio de intervenções urbanas, a autora expõe sobre a intensidade da influência da arte no meio urbano e escolar.

Na categoria **Arte Urbana e a interlocução com o feminino**, encontramos dois trabalhos em que há um olhar bastante específico para a proposta do feminino, em relação

ao protagonismo negro feminino no grafite, visando expor a desvalorização da Arte Urbana feminina, bem como a falta de representatividade.

Silva (2018) discorre sobre situações de violência, preconceito, marginalização e machismo que as mulheres enfrentam ao tentar se inserir na prática de Arte Urbana, ocasionando pouca representatividade feminina no espaço artístico urbano.

Segundo Caldeira (2014, p. 83), "A pichação e o grafite são atos transgressivos. Mais do que apropriações inadequadas no espaço público ou privado, eles estampam na cidade, em especial nas áreas mais ricas, a presença daqueles que supostamente deveriam se manter invisíveis".

Já Lima (2015) aborda em seu trabalho como tem sido desenvolvida a construção de identidade, das mulheres em seu trajeto para conquistar espaço em um território até então predominantemente masculino. De acordo com a análise feita através dos trabalhos da grafiteira Kika e das grafiteiras de sua região que formaram o coletivo DasMina, percebemos que

[...] É necessário compreender-se os gêneros em suas dimensões simbólicas e no plano das práticas sociais das meninas engajadas na expressão estético visual do hip hop. Isto pode ser observado nos espaços grafitados por jovens do sexo feminino: Experiência de meninas que transgridem, ocupam o espaço fincado pela bandeira do macho, tentam construir outros corpos de mulher no espaço urbano de periferia, estruturado e cristalizado naturalmente – mas como possibilidade estratégica de reivindicar um lugar no mundo, ser reconhecida como ser que se expressa, cria, vivencia em seus sentidos, modula sua própria voz – seja aguda, dissonante ou desafinada. Elas marcam presença nas ruas, pelas cores que são grafitadas nos muros, e que revelam a elas próprias suas identidades no transitar pelo espaço público, mostrando a existência vivida, do preto-e-branco às cores (MAGRO, 2003, p. 109).

Essa interlocução com o feminino retoma a proposta de valorização e reflexão social posta pela Arte Urbana e alicerçada por processos educomunicacionais que são propostos pelos artistas urbanos.

Assim, diante das investigações aqui apresentadas, percebemos a diversidade de interlocuções neste viés da investigação sobre a Arte Urbana. Além desse olhar para as investigações, percebemos que, nas pesquisas apresentadas aqui, destacam-se como referenciais teóricos autores que discutem grafite e Arte Urbana. Estes autores abordam em suas pesquisas o conceito histórico sobre Grafite, Arte urbana e temáticas vinculadas como Muralismo, Hip Hop e outras formas de intervenções artísticas urbanas. O que percebemos ainda é que as discussões sobre o ambiente escolar, os processos de ensino e aprendizagem e as articulações com a educomunicação são quase inexistentes. No que

tange ao uso do termo educação, não evidenciamos nenhum estudo, contudo, as práticas e as concepções teóricas dos artistas e coletivos se vinculam em alguns momentos aos preceitos educacionais.

Sabemos que o olhar aqui é bastante rasteiro, contudo, dá margem para futuras propostas que buscam aprofundar a temática e que primam por investigações que interligam a Arte Urbana com o contexto educacional.

### **Considerações finais**

Ao objetivarmos realizar um estado do conhecimento sobre Arte Urbana e suas diferentes formas de expressões nas dissertações e teses disponíveis no repositório da CAPES entre os períodos de 2010 a 2019, evidenciamos que existem distintas articulações teórico/metodológicas apresentadas nas investigações de diferentes áreas do conhecimento, mas com pouca ênfase no ambiente escolar e nos processos educacionais.

A organização da análise em categorias: *Arte urbana e a interlocução com a produção artística*; *Arte urbana e a interlocução com a construção/ocupação espacial*; *Arte Urbana e interlocução com a educação* e *Arte Urbana e a interlocução com o feminino* nos mostra um panorama da diversidade investigativa presente nos estudos brasileiros sobre Arte Urbana. Em relação ao contexto escolar, percebemos que na região norte do Brasil esta proposta é pouco investigada, pois houve apenas três pesquisas vinculadas a essa região, mais especificamente em Belém-PA. O foco se firma na região Sudeste do Brasil.

A falta de investigações na região norte instiga o olhar para as ações que vêm sendo desenvolvidas principalmente no que tange à categoria *Arte Urbana e interlocução com a educação*. O que percebemos são trabalhos que expõem alguns elementos, mesmo que implícitos, de interlocução da prática artística com a didática escolar e nestas é presente a maior interação entre aluno, professor, sociedade e arte, proporcionando interesse artístico nos alunos, bem como a possibilidade de compreender a prática de Arte Urbana. Percebemos assim que a presença da Arte Urbana no ambiente escolar influencia na criatividade e incentiva a expressão de sentimentos e opiniões através do próprio espaço escolar.

Diante de todas essas questões apontadas, evidenciamos que há uma longa trajetória investigativa a ser traçada na região norte brasileira na especificidade da Arte Urbana e da educação. Com vistas a isso, passamos a realizar projetos de pesquisa e extensão no estado de Roraima a fim de ampliar as possibilidades teórico/práticas de mobilização e inserção da Arte Urbana no ambiente escolar e em distintos espaços

educativos não formais. Para isso, várias etapas, após este estudo teórico, estão sendo projetadas em colaboração com os Coletivos de Arte Urbana de Roraima. Esperamos, na sequência, apresentar produções, frutos desse desafio.

## Referências

ALOP. **Las relaciones entre movimientos sociales, Ongs y partidos políticos en america latina**. 2006-2007. Disponível em: <<https://studylib.es/doc/7383656/las-relaciones-entre-movimientos-sociales--ong-y-partidos...>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

AMARAL, C. **Curadoria Educativa e Mediação: Práticas Em Arte Urbana**. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, São Paulo, 2015.

ARAÚJO, M. C. S. **Entre o autoral e a Escrita Coletiva: Identidades, discursos e performances nas Pixações Urbanas**. Universidade Federal de Ouro Preto/Letras: Estudos da Linguagem, São Paulo, 2017.

BAASCH, M. S. **O Grafite e a Pichação: O que dizem os muros da escola**. Universidade Federal De Santa Catarina / Educação, 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BOCCILE, C. V. Intervenções Urbanas: a convergência da arte e comunicação em ambientes espaciais e culturais, sob um olhar estético e de significação. **Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste** – Campo Grande - MS – 4 a 6/6/2015.

BORJA, J; MUXÍ, Z. **El espacio Público: ciudad y ciudadanía**. Barcelona: Electa, 2003.

CALDEIRA, T. P. R. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. **Revista USP**, São Paulo, n. 102, p. 83-100, Jun./Jul./Ago., 2014.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

CAUQUELIN, A. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

CHAGAS, J. A. **Pixação e as Linguagens Visuais no Bairro Benfica: Uma análise dos modos de ocupação de Pixos e Graffiti e de suas relações entre si**. Universidade Federal Do Ceará/Sociologia, Ceará, 2015.

CHAUÍ, M. A universidade operacional. **Revista da ADUNICAMP**, Campinas São Paulo, ano 1, n. 1, jun., 1999.

COUTINHO, R. G. A formação de professores de Arte. In: BARBOSA, A. M. (Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2011.

CRUZ, E. G. G. **Grafite: Uma etnografia os produtores da escrita urbana de Salvador**. Universidade Federal Da Bahia/Língua E Cultura, Bahia, 2017.

DUARTE, P. R. **Estética comunicativa das pichações**. XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

FREIRE, P. **Extensión o comunicación?** Argentina: Siglo XXI, 1973.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.



FREITAS, S. S. P. C. **Arte permanente nos Espaços Externos da Cidade**: O Caráter artístico e suas manifestações no contexto cultural de Uberlândia. Universidade Federal De Uberlândia/Artes, Minas Gerais, 2014.

FUNCIA, C. B. Graffiti y arte urbano. **Trabalho de conclusão de curso**. Departamento de História del Arte y Música. Universidad del País Vasco, Espanha, 2015.

GITAHY, C. **O que é Graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/157954673/Celso-Gitahy-O-que-e-grafite-Livro>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

HENCKEMAIER, L. I. F. **Práticas Sociais integradas ao ensino das Artes Visuais**: Uma escola de Lages e o Grafite como atividade pedagógica. Universidade Do Estado De Santa Catarina/Artes Visuais, 2016.

JACOB, J. F. **Os Filhos de Malinche**: As Representações sobre os Indígenas na ótica de Diego Rivera (1920-1940). Universidade Federal Do Espírito Santo/História, Espírito Santo, 2014.

LAZZARIN, L. F. Grafite e o ensino de arte. **Revista Educação e Realidade**. n. 32, jan./jun., 2007. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6660/3976>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

LEAL, G. P. O. **Cidade**: Modos de ler, usar e se apropriar - uma etnografia das práticas de graffiti de São Paulo. Universidade De São Paulo / Ciência Social (Antropologia Social) - São Paulo, 2018.

LIMA, F. R. B. **O Graffiti como patrimônio cultural material**. Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho (Marília)/Ciência Da Informação, São Paulo, 2018.

LIMA, M. A. **Meninas Spray**: Um olhar sobre o processo de criação da grafiteira Kika e o Coletivo DasMina. Universidade Federal Do Espírito Santo/Artes, 2015.

LOCH, C. **Do Graffiti à ciberintervenção urbana interativa**. Universidade De Brasília/Artes, 2014.

MACÊDO, E. S. **Leitura de imagem, dialogismo e graffiti**: Contribuições para o ensino da arte. Universidade Federal Do Espírito Santo/Educação, Espírito Santo, 2015.

MACHADO, K. C. T. **Bora dá um rolê?** O grafite como possibilidade didática nas aulas de língua portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Letras, 2018.

MAGRO, V. M. M. **Meninas do Graffiti**: Educação, Adolescência, Identidade e Gênero nas Culturas Juvenis Contemporâneas. 224 f. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MANDEL, C. Muralismo Mexicano: arte público/identidade/memoria colectiva. **Revista Escena**, Madrid, n. 30, p. 37-54, 2017.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **Pichação "abaixo a ditadura"** (1968), s.d. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/obras/pichacao-abaixo-ditadura-1968>>. Acesso em: 10 set. 2019.

MENDES, F. B. **Entre o graffiti e o pós-graffiti**: A construção das identidades estéticas e profissionais de grafiteiros no âmbito da arte urbana em Porto Alegre. Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Ciências Sociais, Porto Alegre, 2018.

MONTEIRO, A. S. **Rio**: Resistência pela arte urbana na região portuária. Universidade Federal Do Rio De Janeiro/Urbanismo, Rio de Janeiro, 2015.

NEVES, C. A. **O Graffiti de mundano e a paisagem urbana**: Um debate social e artístico na circulação do objeto. Universidade Federal De São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, A. R. S. **Mural Etnias — Entre significações e representações**: Um marco na revitalização do porto maravilha. Universidade Federal Do Rio De Janeiro/Artes Visuais: Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, J. Y. N. A. **Os trabalhos de José Resende no âmbito de arte/cidade**: da produção do artista ao projeto de Intervenções Urbanas. Universidade Estadual de Campinas/Artes Visuais: São Paulo, 2017.

PALLAMIN, V. M. **Arte Urbana**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

PIRES, E. **Cidade ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

RAMOS, C. P. **Grafite, arte callejero**. Argentina, 2014.

RANGEL, A. N. **As ações dos grafiteiros e a produção da nova paisagem urbana de campos dos goytacazes**. Universidade Federal Fluminense / Geografia, Rio de Janeiro – 2018.

REZENDE, C. **Graffiti**: reivindicação de cidadania. Rio de Janeiro: [s.n], 2006.

RINK, A. **No Rastro da Arte Urbana**: Os desafios dos artistas de rua. Universidade Salgado de Oliveira / Psicologia, Brasília – 2017.

RODRIGUES, B. R. **O Encontro das ruas pelos muros da cidade de Joinville (2006-2013)**. Universidade do Estado de Santa Catarina / História, Florianópolis – 2016.

RODRIGUES, L. N. B. **Caligrafia Marginal**: Pichação, Performance e Patrimônio. Universidade Federal De Goiás / Antropologia Social, Goiás – 2015.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As Pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, set./dez., 2006, pp. 37-50 Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil.

SANTIAGO, M. P. **México Mural**: Rivera, Siqueiros e Orozco em perspectiva decolonial. Universidade De Brasília / Estudos Comparados Sobre As Américas, Brasília – 2018.

SCHULTZ, V. **Pichação e grafite**: reverberações educacionais. 33. Reunião Annual da ANPED (Associação de Pós-Graduação em Educação), no GT 24 Educação e Arte. Caxambu (MG): 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/7710300-Pichacao-e-grafite-reverberacoes-educacionais-valdemar-schultz-ufrgs-1-arte-urbana.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SILVA, E. S. Sobre mulheres e muros: O protagonismo negro feminino no grafite. **Educação, Cultura e Comunicação**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, M. D. **Ciência e Arte na sala de aula**: Mediações possíveis entre Arte Urbana, Joseph Wright e o ensino de Óptica Geométrica. Universidade Tecnológica Federal do Paraná / Formação Científica, Educacional e Tecnológica, 2015.

SOARES, D. **Educomunicação**: o que é isso? 2006. Disponível em: <[http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao\\_o\\_que\\_e\\_isto.pdf](http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SOUSA SANTOS, B. **Descolonizar el Saber, reinventar el poder**. Montevideo. Ediciones Trilce, 2010.

SOUZA, A. M. O Muralismo de Rivera e Portinari: a arte como possibilidade de reflexão crítica e mediação com a realidade social. 2012. 60 f. **Trabalho de conclusão de curso**.

(Artes Visuais, habilitação em Licenciatura) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

TORROW, S. **El poder en movimiento**: Los movimientos sociales, las acción colectiva y política. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

VASCONCELLOS, C. M. Visões da Revolução Mexicana: Arte e política nos murais do museu nacional de história da cidade do México. In: **Encontro do ANPHLAC VI**, 2004, Maringá/PR, Anais eletrônicos do VI Encontro do ANPHLAC, 2015, p. 1-11.

XAVIER, A. S. **Do hip hop à literatura, da literatura ao hip hop**: vozes da resistência em Ninguém é inocente em São Paulo, de Ferréz. 2012. 62 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

---

<sup>i</sup> Graduada em Administração – Estácio/Roraima; Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais/UFRR; Bolsista do PIBIC/UFRR. E-mail: [rafaell4\\_antunes@hotmail.com](mailto:rafaell4_antunes@hotmail.com).

<sup>ii</sup> Pós-Doutora em Filosofia e Ciências Humanas em Nuestra América/VZ; Doutora em Educação/UFMS; Professora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais/UFRR. E-mail: [leila.baptaglin@ufrr.br](mailto:leila.baptaglin@ufrr.br).

Como citar esse artigo:

SILVA, Rafaella Luiza Antunes da; BAPTAGLIN, Leila Adriana . Arte urbana e os processos educacionais: o que se pesquisa no Brasil?. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 2, p. 326-344, mai./ago. 2020.